



FESTIVAL DE CANNES
SELECÇÃO OFICIAL – EM COMPETIÇÃO
GRANDE PRÉMIO DO JÚRI
PRÉMIO FIPRESCI
1973



FESTIVAL DE CANNES
CANNES CLASSICS
2022

A MÃE E A PUTA

um filme de **Jean Eustache**

NOVA CÓPIA RESTAURADA 4K

Estreia 7 de Julho

LEOPARDO
FILMES

LEOPARDO
FILMES



FESTIVAL DE CANNES
SELECÇÃO OFICIAL – EM COMPETIÇÃO
GRANDE PRÉMIO DO JÚRI
PRÉMIO FIPRESCI
1973



FESTIVAL DE CANNES
CANNES CLASSICS
2022

A MÃE E A PUTA

um filme de **Jean Eustache**

BERNADETTE LAFONT • JEAN-PIERRE LÉAUD • FRANÇOISE LEBRUN

NOVA CÓPIA RESTAURADA 4K

França | 1973 | Preto & Branco | 3h40

A Mãe e a Puta foi restaurado e remasterizado em 4K, em 2022, pela Les Films du Losange, com o apoio do CNC e a participação da La Cinémathèque suisse e da Chanel. Restauro de imagem por L'Imagine Ritrovata/Éclair Classics, supervisionado por Jacques Besse e Boris Eustache. Restauro de som por Léon Rousseau - L.E. Diapason



cinémathèque suisse

CHANEL



L'Imagine
Ritrovata
Restauro e
Conservazione



diapason



SINOPSE

Alexandre (Jean-Pierre Léaud), um jovem diletante ocioso, vive com a sua amante, Marie (Bernadette Lafont), e passeia pela *Rive Gauche* de Paris. Um dia conhece Veronika (Françoise Lebrun), uma jovem enfermeira, e inicia um caso com ela... mas sem deixar Maria.

"A ternura, o prazer, a angústia, a loucura, a liberdade sexual, o sofrimento no limite do suportável. Há de tudo isto neste filme", escreveu o crítico Jean Collet sobre *La Maman Et La Putain*, uma das obras mais importantes e influentes do moderno cinema francês. Ou, como notou

Alain Philippon, um filme que é simultaneamente "um grande plano sobre três indivíduos, um plano médio sobre uma micro-sociedade e um plano de conjunto sobre a sociedade francesa dos inícios dos anos setenta".

A obra mais conhecida de Jean Eustache é um filme de uma época e de uma geração, um manifesto estético que põe no seu centro a palavra. ■



Antes de fazer este filme encontrava-me numa espécie de vínculo. Todos gostavam dos meus filmes. Recebia críticas muito boas e nenhuma me dava prejuízo. Mas ninguém me dava dinheiro para fazer outro.

O meu único financiamento até à data vinha do Godard, já tarde na rodagem e, depois de muita discussão, da ORTF, o emissor público, por serem documentários. Esta situação contraditória enfurecia-me. E essa fúria ajudou-me a escrever os diálogos de A Mãe e a Puta. Diálogos, ou talvez monólogos, sem estrutura de filmagem, empilhados diariamente para formar a base de um filme colossal com 5 a 6 horas de duração.



Essa fúria traduziu-se no facto de que o protagonista contrariava tudo o que as pessoas diziam e pensavam na época. Uma abordagem curiosa mas benéfica, creio. Não importa o grau de precisão ou aproximação do que ele diz. O que importa é a criatividade implantada pelo

personagem, ou do escritor, talvez, para contradizer sistematicamente. No decorrer do processo, como em todos os paradoxos, há um elemento da verdade que é revelado. E esta sobrecarga leva o público a um ambiente fechado, específico para o personagem, que pode ser bastante alucinatório e sem comparação ao que normalmente é mostrado. Para dar uma ideia da necessidade para provocação que me move deveria mencionar que o título provisório era Du Pain et des Rolls. Pelo caminho, na filmagem e pós-produção, houve uma mudança, algo que raramente ocorreu na história do cinema, se se excluir a trilogia de Pagnol e Psycho

de Hitchcock: um personagem invasivo e onnipresente rende-se a outro personagem, aqui interpretado por François Lebrun, que se torna a principal protagonista do filme. Jean-Pierre Léaud, com a sua loquacidade desgastante, torna-se num ser frágil que depende inteiramente dela.

Menos provocativa do que a de Léaud, e menos chamativa, a visão de vida de François Lebrun é mais presente, mais espontânea, assim como bem mais invasiva. Traz uma nova dimensão ao filme.

Até agora, em França, era aplicado um imposto a cada filme, em função da sua duração, o que proibia a distribuição – e, muitas vezes, a produção – de filmes que levavam o seu tempo ou que não eram blockbusters. A supressão dessa taxa no final de 1972 permitiu o desenvolvimento da realização de cinema com base na duração, como o filme *Out 1: Spectre*, de Rivette.

A Mãe e a Puta tirou vantagem desta nova situação. Obviamente, a partir de quase quatro horas, momentos mais dramáticos podem ser separados daqueles onde nada acontece, que vão mais ao encontro do que acontece na vida real. Poderei até dizer que quatro horas é o mínimo e que cada corte que fiz para reduzir o filme até às três horas e meia me causou uma grande dor. E esse ambiente fechado ganhava mais força à medida que o filme se prolongava no tempo. Com cada segundo, o público separa-se mais da sua própria vida para entrar no mundo trágico dos personagens. Já não se trata de tornar a realidade dos personagens credível ou não. A duração significa que eles estão incontestavelmente lá.

É o único dos meus filmes onde o passado não assume um papel. Harmonizou-se com a vida que eu estava a viver na altura em que o filmei, por vezes igualando-a de uma forma trágica. O ritual também está ausente. A não ser que um ritual em gestação possa ser percebido nestes estilos de vida de Rive Gauche. Daqui a uns anos veremos. A não ser que as inflexões formais e o princípio



do triângulo referenciem os rituais da tragédia clássica sob uma aparência moderna. É o único dos meus filmes que consigo odiar porque coloca-me frente a frente comigo mesmo, no presente. Nos meus outros filmes o meu passado protege-me. ■

JEAN EUSTACHE

ELENCO

Bernadette Lafont — Marie
Jean-Pierre Léaud — Alexandre
Françoise Lebrun — Véronika
Isabelle Weingarten — Gilberte
Jacques Renard — Amigo de Alexandre
e
Jean-Noël Picq
Jean Douchet
Jean Eustache
Jessa Darrieux
Bertha Grandval
Geneviève Mnich
Marinka Matuszewski

EQUIPA TÉCNICA

Pierre Cottrell apresenta
Uma co-produção **Elite Films, Cine Qua Non, Les
Films du Losange, Simar Films, V M Productions**
Escrito e realizado por **Jean Eustache**
Fotografia **Pierre Lhomme**
Com a assistência de **Jacques Renard, Michel Cenet**
Som **Jean-Pierre Ruh, Paul Laine**
Mistura **Nara Kollery**
Guarda-roupa **Catherine Garnier**
Montagem **Jean Eustache, Denise de Casabianca**
Assistente de montagem **Monique Prim**
Argumento **Irène Lhomme**
Assistente de realização **Luc Beraud, Rémy Duchemin**
Fotógrafo de cena **Bernard Prim**
Chefe electricista **Claude Bertrand**



CRÍTICAS

« (...) o cinema de Eustache devolve-nos esse carinho pela palavra (escrita e falada), desconhecido do medíocre linguajar que invadiu o nosso presente. »

JOÃO LOPES, DIÁRIO DE NOTÍCIAS

« O maior filme já feito acerca do amor »

HARMONY KORINE

« Sincero, cru, comovente, elegante e emocionante, esta obra-prima finalmente se ergue das profundezas, de onde nos observou durante 50 anos... »

GASPAR NOÉ

« Tenho a impressão de viver com este filme desde que ele existe. Um dos melhores filmes franceses alguma vez feitos »

OLIVIER ASSAYAS

« Possivelmente o filme mais importante de 1973 »

THE NEW YORK TIMES





LEOPARDO
FILMES

WWW.LEOPARDOFILMES.COM